DOI: https://doi.org/10.31447/47542 | e47542

R

GOUZOULIS, Giorgios
Debt and the Future of Workers: Financialization as Exploitation in the 21st Century,
Bristol, Bristol University Press, 2026, 198 pp.
ISBN 9781529241907

Tiago Vieira

O centro de gravidade do debate sobre o trabalho e o seu futuro tem-se deslocado para a transformação tecnológica. Com o acelerado desenvolvimento da computação, da robotização e de outras formas de automatização total ou parcial, boa parte da atenção mediática e académica centrou-se, particularmente, na tecnologia e nos seus potenciais efeitos.

Não obstante o mérito da atenção sobre a tecnologia e os seus impactos, nesta abordagem, os proponentes da Teoria do Processo de Trabalho, nomeadamente da sua "terceira vaga", há pelo menos duas décadas que salientam o facto de ser, primordialmente, a financeirização generalizada de setores não financeiros o motor da principal contradição do pós-fordismo. Segundo a tese do capitalismo desconetado (Thompson, 2003, 2013), pressionados pela lógica especulativa que preside à especulação bolsista, patrões e gestores estão condenados a falhar no cumprimento das promessas e expectativas de flexibilidade, autonomia e realização que o "novo espírito do capitalismo" promove a partir da emergência do pós-fordismo (Boltanski e Chiapello, 2007) – servindo, em contrapartida, aos trabalhadores múltiplas formas de precariedade, compressão salarial e desemprego.

Sustentando a ideia do capitalismo desconetado, poderemos verificar, em Portugal, como os recentes despedimentos na Altice – ainda que apresentados como resultado de uma alegada inexorável substituição de trabalhadores por máquinas – rapidamente correspondem ao corte de custos para tornar "a empresa mais atraente para um possível comprador" (Lusa, 2025). Afinal, é essa a missão primordial de uma empresa cotada em bolsa: gerar dividendos e lucros para os seus acionistas, seja com a sua operação regular, seja – e talvez sobretudo – pelos ganhos realizados com a sua alienação por valores superiores àqueles da sua aquisição.

Apesar de convincente, a teoria do capitalismo desconetado cria também o que os académicos frequentemente apelidam de *puzzle*, isto é, um enigma contraintuitivo. A saber: se a etapa atual do capitalismo (o neoliberalismo) é marcada pela incapacidade de satisfazer as expectativas dos trabalhadores, porque é que não assistimos à sublevação destes contra o sistema, ou pelo menos contra esta forma neoliberal de capitalismo,

e estamos, pelo contrário, há décadas a assistir ao encolhimento de greves e protestos, bem como à fragilização dos sindicatos? Em *Debt and the Future of Workers*, Giorgos Gouzoulis oferece uma resposta simples que é tudo menos simplista: o endividamento da classe trabalhadora.

Nesta obra, estruturada em sete breves capítulos, o autor explica como a dívida pessoal é uma peça fundamental na constelação de dominação sobre os trabalhadores, que integra a retirada de direitos laborais e sociais, o encolhimento e entorpecimento do Estado social, e a financeirização generalizada da sociedade, em geral, e do mundo do trabalho, em particular. Entre os vários méritos desta obra, destacam-se quatro aspetos que justificam a sua leitura e estudo atentos.

Em primeiro lugar, sendo um livro indiscutivelmente académico, que manuseia conceitos complexos e densos, e que se alavanca numa extensa lista de referências, a forma como está escrito torna-o surpreendentemente acessível. De forma pedagógica mas não paternalista, fundamentada mas não densa ao ponto de se tornar impenetrável, Gouzoulis oferece uma explicação clara dos pilares em que assenta o neoliberalismo e como, ecoando Rodrigues (2022), este *não é um slogan*.

Deste ponto decorre, como segundo mérito, a demonstração de como o neoliberalismo é, na verdade, intrinsecamente antidemocrático e como a sua vocação hipermercantilista e privatizadora é incompatível com o acesso universal e equitativo à saúde, à educação e ao trabalho com direitos. Embora sem nunca citar expressamente o trabalho de Wendy Brown, são evidentes os pontos de contacto com *In the Ruins of Neoliberalism* (2019) na demonstração de que a liberdade neoliberal é, na verdade, a liberdade de exploração dos mercados e dos capitalistas – algo feito, sempre que necessário, à custa da subjugação dos mais fracos e das suas estruturas representativas, mormente os sindicatos, e do sacrifício dos canais e mecanismos de participação democrática nos locais de trabalho.

Em direta articulação com o ponto anterior emerge uma terceira ideia em que, sublinha-se, o autor assume, sem complexos, uma tomada de posição em debates da atualidade, com perspetivas controversas sobre os valores que se vêm cristalizando como pretensamente universais. Ilustrativo disso é o seu argumentário contra a literacia financeira como panaceia para os problemas criados pelo neoliberalismo, revelando o modo como esta tem uma motivação de responsabilização individual para um problema estrutural e como, empiricamente, não oferece verdadeira saída nem alívio às vítimas do endividamento e que estas, por isso, ficam mais vulneráveis ao interminável ciclo de precariedade-subjugação-exploração.

Por fim, esta é uma obra que não se limita a diagnosticar o problema e a oferecer uma explicação convincente do mesmo; ela vai mais longe ao oferecer respostas para a ação. O autor não cai na tentação, a que tantos académicos

sucumbem, de tecer recomendações genéricas para os atores políticos. Gouzoulis dirige-se aos trabalhadores, aos sindicatos e a todos os coletivos que queiram enfrentar a batalha do endividamento pessoal de forma coletiva e articulada com a resistência nos locais de trabalho, por mais direitos e por trabalho digno. Independentemente do que se pense sobre o teor concreto de tais recomendações, esta é uma opção louvável pela audácia e assunção de um lado na batalha por um futuro melhor. Saliente-se a intenção do autor que, ao longo de todo o livro, utiliza a primeira pessoa do plural para se referir aos "nossos" direitos, nunca se omitindo sob uma impessoalidade académica que a sua qualidade de perito lhe permitiria.

Em suma, *Debt and the Future of Workers* confronta o leitor com aquilo que todos já sabemos e que insiste em escapar a muito do debate académico, social e político, tornando-se hegemónico e naturalizado por amplas camadas da população, mas que urge questionar. Como referido no próprio livro, também por cá, em Portugal, já se demonstrou empiricamente que o neoliberalismo tem impactos inequívocos no entorpecimento da ação sindical (e.g., Barradas, 2025) e, por maioria de razão, nos recursos que os trabalhadores têm para resistir à precariedade e à exploração. Em tempos de ascensão da extrema-direita e de solidificação de ideias antidemocráticas e antipopulares, livros como o de Gouzoulis são também – talvez primordialmente – um alerta para o que precisamos de combater para inverter essa tendência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRADAS, R. (2025), "Why are (financialized) workers becoming more resigned and conformist and less claimant? Empirical evidence from Portugal". *Economic and Industrial Democracy*, 46 (4), pp. 910-941. https://doi.org/10.1177/0143831X241265023.

BOLTANSKI, L., CHIAPELLO, È. (2007), *The New Spirit of Capitalism*, Londres, Verso.

BROWN, W. (2019), *In the Ruins of Neoliberalism: The Rise of Antidemocratic Politics in the West*, Nova Iorque, Columbia University Press.

LUSA (2025), "Altice corta 1000 empregos em Portugal para se adaptar à IA", RTP Notícias. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/economia/altice-corta-1000-empregos-em-portugal-para-se-adaptar-a-ia_n1674613d.

RODRIGUES, J. (2022), *O Neoliberalismo não é um Slogan*, Lisboa, Tinta-da-china.

THOMPSON, P. (2013), "Financialization and the workplace: extending and applying the disconnected capitalism thesis". *Work, Employment and Society*, 27 (3), pp. 472-488. https://doi.org/10.1177/0950017013479827.

THOMPSON, P. (2003), "Disconnected capitalism: or why employers can't keep their side of the bargain". *Work, Employment and Society*, 17 (2), pp. 359-378. https://doi.org/10.1177/0950017003017002007.

VIEIRA, T. (2026), *Recensão "Debt and the Future of Workers: Financialization as Exploitation in the 21st Century*, Bristol: Bristol University Press, 2026". *Análise Social*, 261, LXI (4.º), e47542. DOI: https://doi.org/10.31447/47542.

Tiago Vieira » tiago.vieira@colabor.pt » Laboratório Colaborativo para o Trabalho, Emprego e Proteção Social (COLABOR) » Rua das Taipas, 1 — 1250-264 Lisboa, Portugal » https://orcid.org/0000-0002-4461-2522.